

Estudos

Revista do Instituto
de Ciências Sociais - Jan/Dez. 1966 -
Rio de Janeiro, V. F. R. J.

EVARISTO DE MORAES FILHO

**SOCIOLOGIA INDUSTRIAL,
DA EMPRÊSA OU DO TRABALHO**

**SIMPLES QUESTÃO DE
NOMENCLATURA?**

*Une science n'est qu'une langue bien faite
Condillac*

1 — *Sociologia e Revolução Industrial*. Constitui hoje verdadeiro lugar comum a afirmação de que a sociologia só se tornou possível como ciência social, própria e autônoma, a partir da chamada Revolução Industrial, em tórno das últimas décadas do século XVIII e das primeiras do século XIX. Tudo que ocorrera antes poderia ser confundido com o pensamento social, com a filosofia social, como simples manifestações de pré-histórias, mas sem o rigor estrutural de uma nova ciência, oriunda de problemática própria e voltada para um objeto também próprio e inconfundível. Se antes de 1789 podem ser apontados alguns representantes de um possível estudo científico da sociedade, tudo se torna mais claro e agudo a partir da crise aberta com o movimento revolucionário daquele ano. Bem significativa era a classificação de Saint-Simon — o nobre que participara de ambos os períodos históricos — em *épocas orgânicas* e *épocas críticas*, dicotomia esta que seria retomada por Comte e colocada no centro mesmo do seu sistema filosófico. O século XIX iniciava-se em plena época crítica. Com o desaparecimento do

ancien régime acelerava-se o tempo social, numa brusca mudança de estrutura, de estratificação e de organização, com irrompimento de novas classes e de novos atores na cena social. Todos tomaram, de logo, consciência do processo que se desenvolvia diante dos seus olhos, e resolveram assumir uma atitude de ação política, vendo no homem não só o objeto, mas igualmente o agente da história. A crise dava uma nitidez até então desconhecida a essa consciência de época e da necessidade de se compreender o sentido de seus princípios médios evolutivos.¹

Sem forçar muito a mão, quase que se pode afirmar que a sociologia é uma consequência da máquina a vapor. Com as grandes

1 — Assim inicia Fr. Engels a sua Introdução de *La Situation de la Classe Laborieuse en Angleterre*, trad. e notas de G. Badia e J. Frederic, Editions Sociales, Paris, 1960 (a primeira edição alemã é de 1845): "A história da classe operária na Inglaterra, começa na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas ao trabalho do algodão. Sabe-se que estas invenções desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto e da qual somente agora começa-se a compreender a importância na história do mundo".

Em nota, escrevem os tradutores, citando Clark, *The Idea of the Industrial Revolution*, Glasgow, 1953, que, se Engels não criou a expressão, foi um dos primeiros a tê-la empregado. Entretanto, no Prefácio na nova edição do grande livro de Paul Mantoux, *La Révolution Industrielle au XVIIIe. siècle*, Paris, 1959, pág. I, T. S. Ashton atribui a criação da expressão a um francês do século XVIII, sem nomeá-lo. O próprio Mantoux, em nota do texto, pág. 1, lembra que o vocábulo tem sido atribuído como de criação da obra inacabada de Arnold Toynbee, *Lectures on the industrial revolution in England*, London, 1884. Mas, antes dele, utilizaram-se da expressão John Stuart Mill (1848), Karl Marlo (1850), Karl Marx (1867).

Pouco importa quem tenha realmente inventado a expressão, se quase todos que dela cuidaram tiveram a aguda consciência do que significava: a substituição sistemática das forças animais e humanas de produção pelas energias provenientes de outras fontes naturais ou artificiais, e aproveitadas pelo homem sob forma de máquinas, mecanismos meais ou menos automáticos, capazes de reprodução e de produção em massa. Esta revolução não tinha precedente na história. Alteravam-se as relações materiais e jurídicas de produção, e acelerava-se o ritmo da mudança social. Cf., além de Mantoux: T. S. Ashton, *The Industrial Revolution (1760-1830)*, London, 1954; N. J. Snelser, *Social Change in the Industrial Revolution. An Application of Theory to the Lancashire Cotton Industry — 1770-1840*, London, 1959 e John U. Nef, *La Naissance de la Civilisation Industrielle et le Monde Contemporain*, Paris, 1954, esp. págs. 35 e ss.; C. Brinkmann, *Wirtschafts- und Sozialgeschichte*, 2.ª ed., Göttingen, 1953, pág. 132.

descobertas e invenções da segunda metade do século XVIII, alteraram-se as relações do homem diante da natureza e dos próprios homens entre si. Prometendo uma produção indefinida, respondia a mecanização dos meios de produção às necessidades da nova sociedade, podendo acudir a mercados longínquos. Para isso dispunha o processo de industrialização de uma imensa oferta de mão-de-obra, barata e pronta a aceitar qualquer emprégo, sob qualquer condição, vinda dos campos.

Numa pequena página de referências, torna-se fácil mostrar a plena tomada de consciência dos primeiros cientistas sociais daquela época. O famoso princípio do desenvolvimento econômico, que tanta manha reputação trouxe a Fisher e Clark, durante as terceira e quarta décadas deste século, já havia sido plenamente proposto um século antes pelo economista Richard Jones, no seu *An Essay on the Distribution of Wealth and the Sources of Taxation*, publicado em Londres, no ano de 1831. Mostrava êle que, enquanto na Itália e na França, para cada trabalhador do campo, havia respectivamente 31 e 50 operários de fábrica, na Inglaterra, mais industrializada, êstes últimos subiam a 200. Comentando êsses dados e apontando o crescente aumento da população manufatureira nos centros urbanos de Manchester, Glasgow, Nottingham e Birmingham, expunha Charles Babbage as vantagens das máquinas e das manufaturas — como força acrescida à do homem, como economia do tempo do operário e como possibilidade de transformação de matérias aparentemente comuns e sem valor em produtos de grande valor comercial —, concluindo: "Depois de tal exemplo, não há necessidade de procurar outros. Só isso basta para mostrar a importância de bem fazer conhecer e compreender os interesses de suas manufaturas a um povo cuja prosperidade está tão intimamente ligada a êstes mesmos interesses".²

2 — Ch. Babbage, *Traité sur l'économie des Machines et des Manufactures*, trad. de Ed. Blot, Paris, 1833 (a 1.ª ed. inglesa é de 1832), págs. 5/7.

A obra de Richard Jones não despertou em seu tempo o interesse que merecia pelas críticas à teoria da renda de Ricardo e à teoria da população de Malthus. É precursor de Marx, por êste mesmo confiado e especialmente destacado por Rudolf Hillering, *Aus der Vorgeschichte der Marschen Ökonomie*, 3. Richard Jones, in *Die Neue Zeit*, Stuttgart, 30, 1, 1911. Merece, contudo, um estudo particular como precursor da teoria do desenvolvimento econômico de Clark, que promeamos para breve.

Já em 1820, o francês Augusto Comte, saint-simoniano, adotava a mesma dicotomia tipológica dos domínios militar e industrial, mais tarde repetida por Spencer. Escrevia o futuro criador da sociologia, então um jovem de 22 anos, nesta linguagem dialética: "Este sistema social começou a nascer durante a existência do sistema precedente, e ainda na época em que este acabava de atingir seu desenvolvimento integral. Do mesmo modo desde que o sistema feudal e teológico se constituiu na Idade Média, o gérmen de sua destruição começou a nascer, os elementos do sistema que deve substituí-lo hoje acabavam de ser criados. Com efeito, quanto ao poder temporal, é no décimo primeiro e no décimo segundo séculos que começou a libertação das comunas. Quanto ao poder espiritual, é mais ou menos ao mesmo tempo que as ciências positivas foram introduzidas na Europa pelos árabes... Por esta memorável inovação, a capacidade industrial pôde se desenvolver, estender-se, e as nações puderam organizar-se em tôdas as suas partes sôbre uma base industrial... A sociedade organizou-se em tôdas as suas partes para agir sôbre a natureza. Nada mais resta do que organizar seu conjunto do mesmo modo".

No ensaio seguinte, de 1822, volta Comte a tocar na mesma tecla, a de que o "aperfeiçoamento e a propagação das ciências e o desenvolvimento da indústria" tinham sido as forças que romperam a velha estrutura feudal, determinando "a decadência do antigo sistema". Para a reorganização da sociedade, que dispunha da nova técnica para o domínio da natureza, colocada a serviço dos homens, tornava-se necessária uma nova ciência, uma espécie de física social, a sociologia. E continuava: para que a ciência política (sociologia) se tornasse positiva, seria necessário substituir a imaginação pela observação; considerar a organização social como intimamente ligada ao estado da civilização e determinada por êle. Por civilização entendia Comte o desenvolvimento do espírito humano, de um lado, e, de outro, o desenvolvimento da ação do homem sôbre a natureza, como consequência directa. Assim, os elementos de que se compõe a idéia de civilização são: as ciências, as belas-artes e a industria. "Considerando a civilização sob este ponto de vista preciso e elementar, é fácil sentir que o estado da organização social é essencialmente dependente do estado da civilização, o qual deve ser encarado como

uma consequência sua, enquanto que a política da imaginação o encara como dêle sendo isolado, e mesmo completamente independente".³

Vê-se, por este trecho de Comte, a importância que êle dava às novas forças produtivas surgidas depois da Revolução Francesa, vindo a sociedade do seu tempo, por êle considerada anárquica, como consequência imediata e directa, ao mesmo tempo, das novas descobertas e invenções científicas, da tecnologia e da industrialização. E com ela nasce a sociologia, que seria assim batizada somente em 1839. Não estamos aqui discutindo a terapêutica conservadora de Comte, a meio caminho entre os retrógrados e os revolucionários. Queremos simplesmente caracterizar bem esta sua tomada de consciência da nova sociedade que surgia da industrialização e da ascensão da burguesia ao poder, solicitando, suscitando e exigindo uma nova ciência social para compreendê-la e apontar as diretivas de sua organização.

Concomitantemente, outros pensadores tomavam plena consciência da mesma situação do outro lado do Reno. Hegel, com a sua noção de "sociedade civil" e, principalmente, os românticos alemães preocuparam-se com a elaboração dos conceitos das grandes colectividades abstratas, tais como Estado, Igreja, Povo, Corporação, inclusive, Sociedade. Com Hegel, Schelling, Niebuhr, Puchta, Savigny, surgia, pela primeira vez na história das idéias alemães, o vocabúlo *Gesellschaft* (sociedade) no sentido moderno, distinguindo-se do Estado. Incluem-se nesta geração da primeira metade do século XIX os nomes de Von Stein, Von Mohl e Ahrens. O primeiro adota até a expressão "sociedade industrial" (*industriellen Gesellschaft*), assim denominando tôda a segunda parte do seu principal livro, apa-

3 — Para os trechos referidos de A. Comte, e muitos outros de igual orientação, cf. *Sommaire Appréciation de l'Ensemble du Passé Moderne* (avril 1820) e *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour réorganiser la Société* (mai 1822), como apêndice geral do *Système de Politique Positive*, vol. IV, Paris, 1854, págs. 5, 6, 44, 47 e ss., 86. Pág. 23: "Esta revolução fundamental criou então na sociedade duas novas forças, a força industrial e a força científica, que, desde a origem, e em virtude desta mesma origem, revestiram-se para sempre do duplo carácter de antagonistas da antiga ordem política e de elementos de uma ordem nova."

recido em 1812. Mohl vai distinguir a *Gesellschaftswissenschaft* (ciência social) da ciência política (*Staatswissenschaft*), que, durante os regimes de monarquia absoluta, tomava o Estado como seu objeto único.⁴

A Proudhon e, sobretudo, a Marx, caberá o papel de construir o que se poderia chamar de elaboração de todo o quadro teórico da sociologia da sociedade industrial, já agora plenamente desenvolvida sob a forma capitalista. O ponto de partida e o centro de sua doutrina é a noção hegeliana de sociedade civil (*bürgerliche Gesellschaft*), constituída pelo conjunto das relações sociais que se formam à margem do Estado, que dela toma conhecimento e que nela procura intervir, mas que se elabora de maneira autónoma e livre, como consequência das relações materiais de produção. Tóda a obra de Marx vai ser uma análise desta sociedade, descrevendo-se, como é notório, o estudo da alienação do trabalho na empresa capitalista. Marx não atribuiu à técnica em si mesma a causa dessa alienação, como o fizera Proudhon. Pelo contrário, a técnica faz parte do processo social de cada época histórica e só por ela é estimulada e explicada. Por isso mesmo pode a máquina tornar-se um instrumento de liberação humana, acabando com "o idiotismo do trabalho".⁵

4 — Th. Geiger, *Gesellschaft*, in A. Vierkandt, *Handwörterbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1931, págs. 201/211. Da obra principal de Lorenz von Stein, há uma tradução espanhola, *Movimientos Sociales y Monarquía*, trad. de E. T. Galván, Madrid, 1957, na qual se contém toda esta segunda parte da sociedade industrial, pág. 99 e ss.
De Robert v. Mohl, reeditou agora Friedrich Fürstenberg um trecho de um dos seus primeiros ensaios aparecido originariamente em revista no ano de 1835, sob o título de *Die gesellschaftlichen Nachteile der Industrialisierung* (Os danos sociais da industrialização). Cf., de Fürstenberg, ed., *Industriezoologie I — Vorläufer und Frühzeit 1835/1934*, 2.ª ed., Neuwiel am Rhein und Berlin, 1966, págs. 273/310.

5 — Onde estão os nomes de Proudhon e de Marx, poderiam estar também os socialistas das primeiras décadas do século XIX, de Owen, de Fourier, de Sismondi, além de alguns economistas clássicos, desfacando-se Adam Smith (1776). Engels já foi referido atrás, além de ter seu nome sempre associado ao de Marx.

Contudo, dispensando a consulta às diversas obras de Marx, especificamente sobre o assunto: P. Naville, *De l'aliénation à la jouis-*

Queremos somente fixar neste parágrafo, como o fizéramos no seu início, que a sociologia, como ciência social própria e autónoma, surgiu com a industrialização e urbanização do mundo moderno e contemporâneo. Com os grandes centros urbanos, a crescente diferenciação social em tarefas, empregos e ocupações, o aumento de complexidade da estrutura e da estratificação social, com o aceleramento da mobilidade dos indivíduos e dos grupos no espaço social, só assim se delineou o próprio objeto e se tornaram capazes de melhor observação os processos dinâmicos, levando a uma elaboração mais abstrata e válida dos conceitos básicos da nova ciência. "A sociologia é um produto do século XIX, mais concretamente, um produto da revolução burguesa", escreve Hans Freyer. E completa, na parte final do ensaio: "No que se refere à sociologia, a sociedade industrial é seu tema específico, num novo sentido. Não somente porque o sistema industrial, partindo das normas europeias e americanas se converteu no destino de todo o mundo, como também, principalmente, porque agora todos os povos, tôdas as culturas e tôdas as ordens sociais que existem sobre a terra, defrontam-se com o problema de como obter a transição para a forma de vida industrial que têm diante de si ou na qual já se encontram mergulhados; o que devem contribuir para isso e o que devem sacrificar também para isso".⁶

2. *Alguns precursores da chamada Sociologia Industrial* — Em verdade, a sociologia sempre teve por objeto a própria sociedade industrial, surgida com o capitalismo depois da segunda metade do século XVIII e, de modo especial, depois da segunda metade do século XIX. Consciente ou inconscientemente, o objeto de estudo

sance. La genèse de la sociologie du travail chez Marx et Engels, Paris, 1957, 514 págs.

De Proudhon o mais indicado é *Qu'est-ce que la Propriété?*, cuja 1.ª ed. é de 1840 e *Système des Contradictions Economiques, ou Philosophie de la Misère*, 2 vols., de 1846, cuja análise e trechos principais se encontram em A. Cuvillier, *Proudhon*, Paris, 1937 e C. Bouglé, *La Sociologie de Proudhon*, Paris, 1911.

6 — H. Freyer, *La Sociedad Industrial como Objeto Especifico de la Sociologia*, in *Revista Mexicana de Sociologia*, set./dez. 1963, págs. 889 e 898.

dos novos teóricos eram a crise e as mudanças causadas na antiga sociedade pelas novas maneiras de produzir e de os homens se reunirem para essa produção. A máquina, movida a vapor ou por qualquer outro elemento estranho à força humana ou animal, permitiu a localização de grandes estabelecimentos fabris longe das primitivas fontes naturais. Os centros urbanos, as concentrações de massas humanas e de capitais, a produção em massa, as migrações rurais, os conflitos de toda ordem, alteraram profundamente o quadro institucional tradicional, com radicais mudanças nos padrões de conduta da família, da escola, do ordenamento jurídico, da religião e, principalmente, das relações de trabalho. Os primeiros problemas sociais — desemprego, acidentes do trabalho, greves, revoluções, pauperismo, prostituição, alcoolismo, êxodo rural, etc. — também foram os primeiros temas tratados pela sociologia. Assim, rigorosamente, a princípio toda a sociologia era industrial. Então, por que chamar-se de industrial nos dias de hoje a um novo ramo da sociologia, como pretendem os seus adeptos, especialmente nos Estados Unidos e na Alemanha de após-guerra?

Curioso é que os seus adeptos justificam a nova nomenclatura exatamente pelo colorido uniforme e avassalador que a industrialização imprimiu à vida social total, não se limitando os seus efeitos e conseqüências unicamente ao centro dinâmico do processo técnico de produção. Toda a vida humana foi afetada, em qualquer de suas manifestações, caracterizando-se a época atual pelo rápido crescimento do setor não-agrário da economia. Peguemos, ao acaso, dois especialistas da sociologia industrial. Expõe Eugene Schneider: "Chamando nossa sociedade de "Industrial", os cientistas sociais implicam também que através de inumeráveis caminhos diretos e indiretos o industrialismo impõe sua marca em nossa cultura como um todo: que ele modela as vidas dos homens, suas instituições, e afinal de contas auxilia a modelar os valores, os ideais e os objetivos de toda a sociedade". Mais recentemente, assim começa Ralf Dahrendorf o seu manual: "Não sem fundamento refere-se o sociólogo às atuais sociedades do oeste europeu, da América do Norte e também agora da União Soviética como sociedades industriais". E prossegue: pelo fato técnico-econômico de que a produção de bens se realize em fábricas e com instrumental mecânico, o mais íntimo da vida

social dos homens se encontra mergulhado nestas sociedades. Como trabalhador, alto empregado ou empresário, ou mesmo pelo simples fato de viver na época presente, "todos os homens nas sociedades industriais estão indiretamente subordinados à indústria", no que se refere à produção, prestação, desenvolvimento técnico ou seu próprio destino econômico. A mecanização de toda a vida, os grandes centros urbanos, a concentração de massas humanas, a dissolução da antiga vida familiar, os conflitos sociais entre empregados e empregadores, tudo isso e muito mais são conseqüências da produção industrial. Não é, pois, de surpreender que a sociologia industrial — conclui — seja o ramo mais importante e de mais rápido desenvolvimento nos últimos tempos. ⁷

A frase com que Dahrendorf encerra o seu primeiro parágrafo poderá servir exatamente como crítica da nova especialização. Cita êle as palavras de Gehlen e Schelsky de que o interesse da sociologia mantem-se sempre em torno da sociedade em que se vive. E a sociedade em que se vive, comenta Dahrendorf, encontra-se profundamente marcada pela indústria.

Ora, praticamente quase toda a produção científica do século passado e mesmo deste no terreno da sociologia tem girado, em sentido amplo, em torno de temas que, direta ou indiretamente, se relacionam com a sociedade industrial. Tanto assim — e é curioso fixar este ponto — que as indicações bibliográficas de precursores elaboradas pelos adeptos da sociologia industrial abrangem a própria história da sociologia. John B. Knox, da Universidade de Tennessee, aponta os seguintes: Karl Marx, Frédéric Le Play, Emile Durkheim e Max Weber, na Europa, além de Thorstein Veblen e outros, nos Estados Unidos, que "fizeram finca-pé no fato de que a vida econômica não é um universo separado que se mova de acôrdo com suas próprias leis naturais, e sim de que a atividade econômica se apresenta dentro do contexto das instituições sociais".

Dahrendorf é mais ambicioso e recua até Adam Smith, passando por David Ricardo, Andrew Ure, Saint-Simon, Fourier, Owen,

7 — E. V. Schneider, *Industrial Sociology*, New York, 1957, pág. 1; R. Dahrendorf, *Industrie — und Betriebssoziologie*, 3.ª ed., Berlin, 1965, pág. 5.

Proudhon, Marx, Engels, Von Stein, Le Play, Charles Booth, Seeborn Rowntree, Schulze Gävernitz, Schmoller, Herkner, os Webbs, Durkheim, Max Weber, Alfred Weber, até incluir, mais próximos de nós, neste século, Bernays, Taylor, Fayol, Sombart, Cole, J. L. Taylor, Hellpach, Rosenstock, Veblen, Cathcart e Winschuh.

Adolf Geck coloca a pré-história da sociologia industrial no período compreendido entre 1830 e 1900, destacando, além dos nomes acima referidos, mais os de: Von Mohl, Bülow e Bruno Hildebrandt, L. Piette, G. H. Perthaler, Karl Marlo, F. W. Stahl, Schäftele, Fr. von Wieser, Michel Chevalier, Villermé, Eugene Buret, Emile Cheysson, W. Th. Thornton, G. Howell, J. S. Lewis.⁸

Convenhamos que, entre tantos personagens, desaparece até o mérito de alguém ser precursor de alguma coisa. De fato, não se trata propriamente de ser precursor ou não, já que todos aqueles autores nada mais faziam de que descrever, analisar e estudar a sociedade do seu tempo, isto é, a sociedade industrial. Em sentido amplo, o histórico da sociologia industrial confunde-se assim, voltamos a repetir, com o passado recente da própria sociologia. Alguns autores, como Wilbert Moore, procuram fugir a esta crítica, limitando o objeto da sua tratção, isto é, ao estudo restrito do aparato tecnológico industrial e às relações que se formam em seu interior ou entre ele e a sociedade global.

3. *Objeto da sociologia industrial* — Oferece Moore três possíveis accepções de indústria. No sentido mais geral, significa a produção de mercadorias e serviços, coincidindo assim com a própria organização econômica da sociedade. De maneira mais específica, significa a produção ordenada de mercadorias como atividade distinta diante das atividades financeiras e comerciais. Finalmente, de maneira mais limitada ainda, significa as atividades extratativas e manufatureiras, que supõem o uso de energia mecânica, afastando-se de tal conceito vários tipos de manufaturas independentes e de

8 — J. B. Innox, *Sociologia Industrial en los Estados Unidos de América*, in *Rev. Mer. de Sociologia*, maio/ag. de 1960, págs. 449; R. Dahrendorf, *ob. cit.*, págs. 20 e ss.; A. L. H. Ad. Geck, *Zur Entstehungsgeschichte der Betriebssoziologie*, in *Soziologische Forschung in unserer Zeit*, Ed. por K. G. Specht, Köln und Opladen, 1951, págs. 107/108.

produções agrícolas em pequena escala. É neste sentido que se deve encarar o objeto da sociologia industrial.

Para ele, então, a sociologia industrial é uma sociologia aplicada, nisso que importa na aplicação dos princípios sociológicos à análise de um conjunto concreto de relações sociais. Em suas palavras: "Deste modo, os princípios gerais são introduzidos somente no que se referem aos aspectos específicos das relações empregado-empregador, aos problemas da organização da gerência ou a considerações semelhantes, concretas e práticas". Propõe-se a sociologia industrial utilizar, de forma neutra — Moore frisa isso várias vezes — os conhecimentos disponíveis sobre a organização social para uma compreensão da vida industrial e de suas relações com a comunidade. A principal virtude do cientista social na indústria deve consistir em "olhar a indústria como um todo", como uma organização que funciona, constituída de pessoas que mantêm relações entre si oficiais e não-oficiais, e como uma organização que se encontra relacionada com outras organizações, com a comunidade e com a sociedade em geral.

Knox repete quase as mesmas palavras de Moore. Segundo sua opinião, o tema da sociologia industrial inclui-se dentro de três categorias interrelacionadas, mas distintas conceitualmente, a saber: a) as relações humanas na indústria; b) a indústria e a comunidade; c) a indústria e a sociedade. São como que três círculos concêntricos, sendo que os ensaios precursores classificam-se nas duas últimas categorias, iniciando-se com as pesquisas de Western Electric (Hawthorn Experiment), em fins da década dos trinta, o estudo da primeira categoria, isto é, das relações e das estruturas humanas dentro da empresa. Com isso, prossegue, estimulou-se o desenvolvimento de um tema "que é possivelmente o mais numeroso na sociologia dos Estados Unidos da América". Lembra Knox que, na última reunião da Associação Sociológica Americana, realizada em Chicago no ano de 1959, houve seis seções separadas que incluíram trinta artigos sobre sociologia industrial e ocupação. Nenhum outro ramo sociológico abrangeu área tão extensa do programa.

Miller e Form procuram fugir à limitação do conceito de sociologia industrial e se colocam em ponto de vista diametralmente

oposto ao de Moore, embora sem se referirem ao seu nome. Colocam como sub-título de sua obra "sociologia das relações no trabalho", que, para eles, é um estudo das pessoas que exercem uma ocupação em qualquer parte da sociedade — na fábrica, em casa, na loja, no escritório, no campo, no hospital, na mina e no governo. De certo modo, argüem, é desastrado que a maioria da pesquisa em sociologia industrial tenha sido feita na fábrica. Isto leva a confusões semânticas, acabando por identificar a pesquisa na fábrica com toda a sociologia industrial. A maioria dos trabalhadores dos Estados Unidos não se encontra nas fábricas; lá se acha somente um quarto deles. O restante espalha-se pelo comércio, transporte, governo, escritório, e outros serviços. Por isso, preferem "usar a palavra "industrial" em sentido mais amplo: referindo-se a todas as formas de atividade econômica, incluindo genericamente as empresas financeiras, comerciais, produtivas e profissionais. A sociologia industrial inclui o estudo das ocupações e de todos os grupos sociais que afetam a conduta no trabalho".

Robert Dubin, limitando o livro à indústria e ao comércio americanos, leva-o depois mais adiante, dedicando-o ao "que o povo faz enquanto trabalha e às razões de sua conduta". Procura dar ao mundo do trabalho uma ampla cobertura e uma análise intensiva como nunca havia encontrado em qualquer outro volume do mesmo tipo. Incluem-se aí, embora com tratamento à parte, em outro volume, as relações entre o sindicato e a empresa, assunto verdadeiramente "crucial para a economia".

Caplow prefere a denominação ampla de sociologia do trabalho, como "o estudo dos papéis sociais que surgem da classificação dos homens pelo trabalho que fazem". Nenhuma descrição da paisagem humana é possível sem levar em conta as atividades produtivas nas quais a maioria dos adultos emprega quase todo o seu tempo. Como Everett Hughes, acha ele que o trabalho é um dos principais laboratórios de estudo e pesquisa na sociedade contemporânea. Para isso, serve-se a sociologia do trabalho de certos estudos interdisciplinares, como os da psicologia industrial, da orientação profissional, da sociologia industrial, da sociologia jurídica, da sociologia da família, da sociologia religiosa, da sociologia educacional, da socio-

logia política, da sociologia da comunidade, etc. Um dos mais significativos destes campos, frisa Caplow, é o da sociologia industrial, que, embora iniciada por professores, foi desde o começo admitida em termos de aplicação prática, gozando de crescente prestígio entre os administradores de fábricas. A sua tese central é de que as relações humanas nos momentos de trabalho representam o fator mais significativo para a produção.

Antes de passarmos aos conceitos de alguns autores alemães da última década, não queremos deixar de chamar a atenção para o ponto de que estamos, até agora, evitando intencionalmente qualquer crítica aos propósitos, objetivos e resultados da sociologia industrial. Por isso mesmo temos evitado também em nos referir ao célebre Hawthorne Experiment, dado por todos os sociólogos americanos como a certidão de nascimento da nova sociologia. A essa experiência também se referia Caplow na sua exposição, como já o havia feito Knox. Voltaremos a isso depois.

Na sociologia alemã de após-guerra, a expressão *sociologia industrial* foi substituindo a antiga expressão *sociologia da empresa*, ficando, porém, os autores num meio-térmo, unindo os dois, com as facilidades e o gosto típicos da construção da língua alemã.

— W. E. Moore, *Industrial Relations and the Social Order*, 3.^a edição, New York, 1950, págs. 4/5; J. B. Knox, *ob. cit.*, pág. 450; D. C. Miller e W. H. Form, *Industrial Sociology*, New York, 1951, pág. IX; R. Dubin, *The World of Work. Industrial Society and Human Relations*, 2.^a ed., 1959, pág. VII; Th. Caplow, *The Sociology of Work*, Minneapolis, 1954, pág. 4, 6 e VII.

A pág. 16 escrevem Miller e Form: "Entre outras coisas, a sociologia estuda a conduta do grupo, as posições dos diferentes *status* e os papéis que os indivíduos representam no grupo. A sociologia industrial aplica meramente os métodos e os conceitos da sociologia geral ao campo das relações de trabalho. O campo da sociologia industrial pode ser convenientemente definido como o estudo: 1) dos grupos de trabalho e relações de trabalho; 2) do papel que o trabalhador desempenha nos grupos de trabalho; 3) da organização social do trabalho na sociedade fabril".

Alinda para o objeto e conceito da sociologia industrial nos Estados Unidos: W. E. Moore, *Industrial Sociology. Status and Prospects. in American Sociological Review*, ag. 1948; W. F. Whyte e F. M. Miller, *Industrial Sociology*, in J. B. Gittler, ed., *Review of Sociology*, New York, 1957 e F. Ferraroli, *La Sociologia Industriale in America e in Europa*, Torino, 2.^a ed., 1960.

Fürstenberg aponta na motivação da ação econômica o principal objeto da sociologia industrial.

Dahrendorf, que adota a expressão mista, acha que é bisantina tal discussão terminológica. Para êle, diante da moderna indústria fabril, pouca diferença há entre "industrial sociology" e "sociology of work" dos americanos, "sociologie économique" e "sociologie du travail" dos franceses, "Industriesozologie", "Betriebssoziologie" e "Arbeitssoziologie" dos alemães. Discordando em parte de Schelsky, para quem a sociologia industrial é uma "sociologia especial", acha Dahrendorf que é uma sociologia aplicada, como pretende Moore, ou então, uma "sociologia especial da sociedade industrial", sem o que ficaria sem objeto a própria sociologia econômica. A sociologia industrial e da empresa deve colocar-se a seguinte temática: história social da indústria; o sistema social da empresa industrial; os conflitos entre as empresas e o seu pessoal; a sociologia do trabalho industrial e, finalmente, as relações entre a indústria e a sociedade. As chamadas relações industriais (*Industrielle Beziehungen*) incluem-se, como modalidade de acomodação e cooperação, no capítulo dos conflitos industriais entre empregados e empregadores. Concluindo, se a sociologia tem por objeto descrever e explicar a ação social em conjunto, na sociologia industrial e da empresa o objeto continua o mesmo, aplicado no entanto à ação social no especial setor da produção de bens.

Geck, um dos criadores da *Betriebssoziologie* na Alemanha logo depois da primeira guerra mundial, distingue uma denominação da outra, colocando a sociologia da empresa como parte da sociologia industrial. A primeira é o estudo sociológico das manifestações sociais na empresa, ao passo que a segunda é o estudo sociológico da indústria como forma social e, além disso, das manifestações sociais na indústria. Na Alemanha do último após-guerra, informa Geck, a sociologia da empresa, em sentido amplo, invade o terreno da temática da sociologia industrial, da sociologia econômica e mesmo das empresas públicas (administrativas). Em sentido especial, no entanto, deve ser uma parte da sociologia industrial.

Para Heinz Maus, o ponto nevrálgico da sociedade moderna coloca-se como objeto da sociologia industrial. Como tal considera

êle a racionalização do aparato técnico e organizatório ao qual devem adaptar-se trabalhadores e empregados. Tudo começou quando os estudos de psicologia e fisiologia do trabalho, principalmente nos Estados Unidos, levaram a pesquisas na empresa industrial, tida como um "sistema social" fechado de relações humanas. Mostra Maus os antecedentes destes estudos nos próprios Estados Unidos, com ensaios de Whiting Williams, Donovan, Angells, Wight Bakkes, Komarovsky, além das contribuições precursoras de Veblen.

Helmut Schelsky, também um dos grandes teóricos da sociologia industrial na Alemanha, a admite como uma sociologia especial, tendo por objeto as manifestações, as penetrações, os conflitos sociais na sociedade moderna do mundo do trabalho industrial, que começou com a primeira "revolução industrial" e com os problemas por ela criados. São básicos e indispensáveis, a respeito, os conceitos de: fábrica, máquina, alienação do trabalho e sociedade de classes. A forma capitalista de produção colocou na ordem do dia, como objeto nítido da sociologia, o empregariado, com as suas implicações sociais e humanas de organização (direção, empregado, trabalhador, etc.). O salarizado e os sindicatos são frutos desta mesma sociedade industrial, assim como as relações do homem com a nova técnica. Da maior importância é o conceito de empresa, como forma social organizada e hierarquizada de produção. Schelsky a admite como uma instituição, como um sistema, de certa maneira auto-suficiente, isto é, segundo Rosenstock, uma organização social duradoura de trabalho em comum. Não deve ser esquecido o capítulo das relações da empresa com a sociedade global, no que diz respeito às relações públicas, à orientação e seleção profissional e à organização da atividade econômica ou profissional.

Para Burkart Lutz esta querela de palavras não é meramente superficial, pois representa um debate de fundo, passando a sociologia de empresa a ser classificada como uma subdivisão da sociologia industrial. E mesmo a adoção do termo híbrido — sociologia industrial e da empresa — importa numa aceitação de nova tomada de atitude, em sentido ampliativo de seu campo, com pesquisas industriais, uma teoria da sociedade e das instituições industriais. 10

40 — Fr. Fürstenberg, *Wirtschaftssoziologie* Berlin, 1961, pág. 18; R. Dahrendorf, *ob. cit.*, págs. 6/13; Ad. Geck, *Betrieb (Betriebssoziologie)* e

4. *Sociologia da empresa na Alemanha do primeiro após-guerra* — Na primeira parte dos seus *Textos Sociológicos*, constituída do primeiro volume sobre os precursores e o início da sociologia industrial na Alemanha (já com este título), Maus e Fürstenberg reediam pequeno trecho do singular ensaio de Max Weber sobre psicofísica do trabalho industrial. Na passagem do século, resolveu a *Verein für Sozialpolitik* fazer uma pesquisa sobre a indústria doméstica, principalmente dos campos, e a empresa industrial. Este projeto concretizou-se em 1907 com o grande programa de pesquisa sobre "Seleção e Adaptação (Escolha da profissão e êxito profissional) do trabalhador da grande indústria fechada". Dahrendorf, de onde extralamos esta nota, considera esta pesquisa a certidão de nascimento da pesquisa empírica da sociologia da empresa. Heinrich Herkner, Alfred Weber e Gustav Schmoller trabalharam na elaboração do plano da pesquisa, cabendo a Max Weber escrever a introdução metodológica, dando-lhe uma orientação mais social do que propriamente política. Entre 1910 e 1915, ficou e analisou Max Weber os resultados do restante da pesquisa, sob o modesto título de *Psicofísica do trabalho industrial*, no qual são tratados os atuais temas de sociologia do trabalho, tais como: a formação dos grupos informais, as causas sociais da restrição voluntária do trabalho, a mobilidade social, relações do sindicato com a empresa, e assim por diante. Já àquela época eram desmentidas as hipóteses do *scientific management* de Taylor, com conclusões, ainda hoje atuais, sobre a motivação e a situação do trabalhador na empresa, na profissão e na sociedade. *

Industrie (Industriezoologie), in W. Bernsdorf e F. Billow, ed, *Wörterbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1955, apud Dahrendorf; H. Maus, *Geschichte der Soziologie*, in W. Ziegenfuss, ed, *Handbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1956, pág. 82/83; A. Gehlen e H. Schelsky, *Soziologie. Ein Lehr- und Handbuch zur modernen Gesellschaftskunde*, 6.ª ed., Düsseldorf-Köln, 1966, pág. 159 e ss.; B. Lutz, *Notes sur la Sociologie Industrielle en Allemagne*, in *Sociologie du Travail*, out./dez. 1959, pág. 39.

10 — De Max Weber, *Gesammelte zur Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*, Tübingen, 1924, págs. 1/60, 61/255.

Resumos e referências à pesquisa: R. Dahrendorf, *Betriebliche Sozialordnung, in Handwörterbuch der Sozialwissenschaften*, Tübingen, 17. Lieferung, 1957, pág. 60; A. Geck, *Zur Entstehungsgeschichte*, cit., pág. 110; B. Lutz, ob. cit., págs. 38/39; G. Friedmann, *Problemes Humains du Machinisme Industriel*, 10.ª ed., Paris, 1946, págs. 266/267.

Esta pesquisa empírica vai ficar isolada na história da sociologia da empresa até praticamente os anos dos cinquenta. Com a Constituição de Weimar, de 11 de agosto de 1919, e especialmente com a lei de 1920 sobre os conselhos de empresa, recrutaram os estudos sobre a sociologia da empresa, com um sem-número de ensaios e publicações, cabendo aos alemães a prioridade de considerar a empresa como um sistema social, como uma unidade orgânica de pessoas para a produção econômica. Os ensaios de Jost, Geck, Goetz-Briefs, Michel, Rosenstock, Pothoff e outros preocuparam-se mais com a reforma social, dentro da política social-democrata, do que propriamente com o estudo empírico e objetivo da empresa. Considerando a empresa como uma comunidade ou instituição econômica, os temas eleitos para exposição eram os da co-gestão administrativa, através dos conselhos recém-instituídos. Confundiam-se sociologia e legislação social, bastando destacar aqui a obra editada por Heinz Pothoff, um dos grandes tratadistas de legislação do trabalho, em 1925, sob o título de *Os Problemas sociais da empresa, com a colaboração dos adptos da nossa sociologia*. *

Em 1931, incluiu Alfred Vierkandt no seu Dicionário um verbete sobre sociologia da empresa (*Betriebssoziologie*) de autoria de Goetz-Briefs, na qual vem assim definida: "A sociologia da empresa tem, no entanto, a ver com a empresa como forma institucional, na qual uma pluralidade de pessoas coopera, com o auxílio

12 12 — Só algumas indicações mais significativas até 1933: H. Pothoff, ed., *Die Sozialen Probleme des Betriebes*, Berlin, 1925; R. Lang e W. Hellpach, *Gruppenfabrikation*, Berlin, 1927; E. Rosenstock, *Werkstattnsiedlung*, Berlin, 1922; L. H. A. Geck, *Die sozialen Arbeitsverhältnisse im Wandel der Zeit*, Berlin, 1931; E. Michel, *Industrielle Arbeitsordnung*, Jena, 1932; W. Jost, *Das Sozialleben des industriellen Betriebes*, Berlin, 1932.

No seu *System der Allgemeinen Soziologie*, 2.ª ed., München und Leipzig, 1933, pág. 624, hoje tão esquecido, alude L. von Wiese à "nova sociologia da empresa", destacando a figura de Goetz-Briefs e as de que chamava de discípulos deste último, Adolf Geck e Walter Jost, assim como a de Heinrich Lechtape, também ainda agora recordado por Geck.

Para maiores indicações e minuciosa bibliografia deste período, vejamos as obras e os locais citados de Dahrendorf, Geck, Maus, Schelsky, sendo que Lutz é muito sumário a respeito.

de um sistema de meios organizados, para a satisfação das necessidades humanas". Dá-se, pois, a organização das pessoas, que são os portadores das prestações na empresa, em torno do indispensável aparato técnico (instrumentos, ferramentas, máquinas, etc.) *.

A partir de 1950 a literatura da sociologia industrial americana penetra meios intelectuais alemães, embora encontrando sérias dificuldades para melhor aceitação nos meios universitários. Apesar dos ensaios isolados de Schelsky e de Jantke, um pouco gerais e heterodoxos diante da temática da sociologia da empresa, vai caber ao Instituto das Ciências Econômicas dos Sindicatos Alemães e ao Centro de Pesquisas Sociais de Dortmund, com auxílio financeiro da Fundação Rockefeller, realizar as duas grandes pesquisas logo no início dos cinquenta, embora aparecidas em 1955 e 1957. Só então passou a sociologia da empresa, sob a denominação *hlbrida, de industrial e da empresa*, a ganhar maior aceitação didática nos programas das universidades oficiais, com tratamento especial nos cursos e compêndios. *

Até 1933, ano em que a sociologia e os sociólogos foram praticamente varridos da face da terra na Alemanha hitlerista, a tradição da sociologia da empresa alemã foi nitidamente social-reformista, romântica mesmo, como a denomina Lutz. Era mais um

13 — Goetz-Briets, *Betriebssoziologie*, in A. Vierkandt, ed. *Handwörterbuch der Soziologie*, cit., págs. 31/52.

14 — Para a bibliografia posterior a 1950, vejam-se as fontes acima indicadas, sendo Lutz muito mais extenso nesta parte. A virada de concepção, sobretudo sob a grande influência americana na sociologia alemã, dá-se em torno desse ano, como deixa claro Carl Jantke, *industrielle Betriebsforschung als soziologische Aufgabe*, in *Soziale Welt*, Dortmund, 2/1, out., 1950, pág. 15 e ss.

As duas pesquisas referidas no texto foram, respectivamente: Th. Pirker, S. Braun, B. Lutz, Fr. Hammelrath, *Arbeit, Management, Mitbestimmung*, Stuhgart-Düsseldorf, 1955; H. Popitz, H. P. Bahrdt, E. A. Jüres, H. Kesting, *Technik und Industriearbeit*, Tübingen, 1957; dos mesmos autores, *Das Gesellschaftsbild des Arbeiters*, Tübingen, 1957.

Informa Burkart Lutz, que tomou parte na primeira, que as equípes se dissolveram logo depois das pesquisas, não conseguindo sobreviver à sua publicação. "Em verdade, afirma adiante, a sociologia industrial decepcionou a uns e a outros: diretores do trabalho, sindicatos e empregadores".

comentário, em termos sociológicos, da própria reforma da empresa que se processava diante dos olhos dos seus teóricos, por força da aplicação da legislação sobre os conselhos de empresa. A doutrina da empresa era mais uma manifestação da política social, do que propriamente uma teoria válida da empresa na economia capitalista, realisticamente considerada, com toda a sua problemática e com todas as conseqüências que daí advêm. Ideologicamente, a *Betriebssoziologie* colocava-se a serviço da reforma da empresa, com o caudal de conotações do regime social-democrata vigente, isto é, de integração do trabalhador na empresa, de participação nos lucros, de desproletarização dos trabalhadores, de integração dos trabalhadores na comunidade nacional, bem dentro do enunciado art. 165 da Constituição de Weimar, que regulava os conselhos no nível da empresa, dos distritos, dos Estados e do Reich.

5. *A sociologia industrial nos Estados Unidos e as relações humanas na indústria*. Não menos ideológica foi — e é — a sociologia industrial norte-americana que se constituiu a partir de 1939, surgida da famosa experiência na Western Electric, em Hawthorne, pela equipe comandada por Elton Mayo, da qual participavam, entre os mais importantes, Roethlisberger, Dickson, Henderson, entre outros. A pesquisa durou oito anos, começando em 1932, vindo minuciosamente relatada no livro de dois deles, aparecido em 1939. Apesar da maior notoriedade de Mayo, as suas obras não dão a medida exata da experiência. *

15 — O relatório mais completo e minucioso encontra-se em F. J. Roethlisberger e W. J. Dickson, *Management and the Worker*, Cambridge, 10.ª reimpressão, 1950 (tal qual a 1.ª ed., de 1939). Também com descrição da pesquisa, T. N. Whitehead, *The Industrial Worker*, Cambridge, 1938.

Elton Mayo publicou, em anos diferentes, uma trilogia de livros, baseados nos propósitos e nos resultados da pesquisa: *The Human Problems of an Industrial Civilization*, New York, 1933; *The Social Problems of an Industrial Civilization*, Boston, 1947 (mais tarde editado na Inglaterra por Routledge & Kegan Paul Ltd., 1949 e 1952); *The Political Problem of Industrial Civilization*, Boston, 1947.

Ainda diretamente ligadas ao Hawthorne Experiment são as obras de T. N. Whitehead, *Leadership in a Free Society*, 5.ª ed., 1950 (a 1.ª é de 1936); F. J. Roethlisberger, *Management and Morale*, Cambridge, 1941; Bursleigh B. Gardner, *Human Relations in Industry*, Chicago, 1945, mais tarde, com D. G. Moore, 1950, 1958, traduzido para o espanhol, 3.ª ed., Madrid, 1961.

O que importa fixar, no entanto, é que nenhum dos dirigentes da pesquisa era sociólogo. Mayo, psicólogo industrial, dirigia na Escola Comercial de Harvard um laboratório, dedicando-se a estudos sobre a fadiga, como, de resto, se dedicava toda a psicologia industrial, juntamente com o problema da mensuração de diferenças individuais na produção. L. J. Henderson, um dos conselheiros, era doutor em medicina e psicólogo, tendo se empenhado num demorado estudo do *Tratado de Sociologia Geral*, de Pareto. Na análise dos dados da pesquisa, lá estão presentes os vocábulos e os conceitos da doutrina do sociólogo italiano, tais como: sistema social, equilíbrio, sentimentos, ação lógica, declarações não-fáticas, resíduos, etc. Apesar disso, o nome de Pareto aparece somente duas vezes na obra de Roethlisberger e Dickson, este último dirigente da empresa.

A experiência dividiu-se em três etapas, que se sucederam à medida das necessidades e dos obstáculos encontrados. A primeira consistiu em estudar as relações entre a produtividade dos trabalhadores e o nível de iluminação no ambiente do trabalho. Prendia-se muito ainda ao mero *scientific management* de Taylor, vendo no homem uma peça mecânica que reagiria diretamente, segundo reflexos simples, ao estímulo da luz projetada. Resultou negativa a experiência, sendo indiferente o grau de iluminação, por si só, para a mudança de atitude dos trabalhadores quanto à produtividade.

Abandonada esta primeira tentativa de correlação, separaram os pesquisadores cinco empregados, cuja função era montagem de transformadores elétricos, e os deixou trabalhando durante dois anos sob diversas condições de trabalho, quer quanto a salário, repouso, etc. A produção chegou a aumentar de 40%, mantendo-se a mesma depois de restabelecidas as antigas condições de trabalho. Apesar destas, não se restabeleceu a baixa produtividade anterior. Por exclusão e comparando todos os dados, eliminaram os pesquisadores algumas causas ostensivas, admitidas a princípio, como possíveis de explicar a baixa produtividade: a) diferença de salário; b) diferença de iluminação e outras condições de higiene e segurança; c) repouso e pausas no trabalho; d) desaparecimento da mo-

notonia. Restava só uma última hipótese, não considerada até então pelos experimentadores, de índole social, e até o momento insuspeitada: a da unidade e do tipo de relações que se formavam entre os componentes do grupo.

Só, então, levados pelo andamento da própria experiência, chegaram os pesquisadores ao terceiro estágio da sua tarefa, de natureza sociológica. O número de entrevistas com os trabalhadores chegou a 20.000 delas, a princípio curtas e dirigidas, mudando depois para mais longas e não dirigidas. Orientadas pelo esquema teórico da sociologia de Pareto, foram analisadas essas entrevistas, proporcionando uma visão nova da vida do trabalho, mas ainda assim insuficiente. Partiram, então, os pesquisadores para a última etapa da sua experiência. Mediante observações controladas, resolveram estudar minuciosamente a organização e o funcionamento de uma fábrica, do ponto de vista sociológico. Durante alguns meses foi observada uma certa categoria de trabalhadores, tendo-se em vista: a) os elementos necessários para a situação de empregado e supervisor; b) prova de uma organização coletiva informal entre os empregados; c) a função dessa organização informal, caso existisse. Escrevem Roethlisberger e Dickson: "A fase final do programa de pesquisa consistiu num estudo detalhado da situação de uma fábrica de um ponto de vista sociológico. Este estudo será relatado por inteiro, primeiro, porque ilustra uma aplicação do esquema conceitual desenvolvido nas pesquisas previamente relatadas e, em segundo lugar, porque assim se proporciona um retrato de uma organização social espontânea e informal, funcionando dentro da organização formal da estrutura da empresa". 28

Daquí por diante, então, constrói-se a futura linguagem da sociologia industrial, em sentido restrito, isto é, tomando por objeto as relações humanas como ponto central e de referência para o restante da organização empresarial. Vocábulos tais como relações humanas, relações industriais, ajustamento, autoridade visível e invisível, equilíbrio, cooperação, empresa como sistema ou organização social aparecem a cada passo. Com razão, comenta Knox: "Este es-

tudo de um grupo de trabalho como sistema social foi seguido por muitos estudos semelhantes em outras partes, que serviram para proporcionar uma compreensão da estrutura social informal, o controle social da produção, a comunicação entre os trabalhadores e a gerência e outros conceitos que agora são geralmente aceitos na sociologia industrial". ✱

As duas grandes descobertas dos pesquisadores de Hawthorne foram a da empresa como sistema social e a dos grupos sociais informais. Verdadeiro *abre-te sésamo*, foi usado e abusado pela chamada teoria das relações humanas. Falava aos pesquisadores, por não serem sociólogos, o conhecimento de doutrinas e teorias anteriores, já admitidas na sociologia daquele tempo (1932). Criticando a má propositura metodológica da pesquisa, por lhe faltar nítida distinção entre função social manifesta e função social latente, deixaram-se levar os orientadores da pesquisa pelos próprios fatos, tomando umas funções pelas outras, e, no fim, deram o grito de *errêka*, quando muito tempo e trabalho poderiam ter sido poupados se conhecessem uma boa técnica de pesquisa social e se tivessem presente algumas pesquisas anteriores, nas quais ficou bem caracterizada aquela distinção. Referese Merton a uma opinião de Shils a respeito dessas descontinuidades no desenvolvimento da sociologia, voltando à cena como problemas novos antigos problemas já solucionados. Thomas e Znaniecki já haviam reconhecido esta distinção na sua clássica obra, chegando à noção de organização informal e das funções sociais latentes de grupos primários. ✱

Não vem fora de propósito recordar rapidamente as condições sociais do início da década de 30 nos Estados Unidos, quando se

17 — J. B. Knox, *ob. cit.*, pág. 453. Daí, com razão, terem podido escrever G. Friedmann, J.-D. Raynaud e J.-R. Tréanton, *Problemas de Sociologie Industrielle*; in G. Gurttich, dir., *Traité de Sociologie*, 2.^a ed., 1962, vol. I, pág. 439, que "a fase experimental da sociologia industrial nasceu modestamente de um incidente científico na fábrica Hawthorne Western Electric... Mais geralmente, pode-se dizer que, é a partir do fracasso relativo das racionalizações técnicas que se impôs o "fator humano" e notadamente um aspecto novo deste fator humano, o fator social".

18 — Cf. R. K. Merton, *Teoria y Estructura Sociales*, trad. de Fl. M. Torner México-Buenos Aires, 2.^a ed., 1965 (a. 1.^a americana é de 1949), págs. 76, 78.

iniciaram as pesquisas da Western Electric. Além da depressão econômica em que se debatia o país, que reconhecía a existência de miséria na sociedade americana, um sem-número de novos problemas agitava a cena nacional, sendo contemporânea da pesquisa a vitória de Roosevelt e toda a sua política do *New Deal*. Por outro lado, como lembra Everett Hughes, da Universidade de Chicago, levantavam-se prementes problemas de integração da mão-de-obra, que iam além da simples aprendizagem do ofício, com constantes manifestações de flutuação profissional, absentismo e baixa produtividade. "A expansão da indústria, escreve Hughes, com suas consequências sociais, foi seguida de perto pelo grande crescimento do movimento operário. Alguns milhões de trabalhadores da indústria pesada (aço, automóveis, etc.) acabavam de aderir aos sindicatos mais jovens pertencentes ao Congresso das Organizações Industriais (CIO). Esta Central era de tal modo progressista que os administradores de empresas começaram a falar com a afecção dos velhos sindicatos da Federação Americana do Trabalho (AFL). Estes administradores inquietos consideravam como anormal que os problemas de ordem humana viessem desviar a atenção dos problemas de ordem técnica. Protestavam contra uma mão-de-obra de qualidade inferior, contra um governo que não alcançava êxito em conseguir bastantes trabalhadores ou trabalhadores de qualidade satisfatória. Diante desta situação, certos diretores de empresas petriam o auxílio de psicólogos e de sociólogos". (O grito é nosso). ✱

Este depoimento de Hughes é da maior importância, quando se sabe que foi ele próprio um dos chefes da sociologia industrial na Universidade de Chicago. Apesar dos progressos da nova disciplina, jamais conseguiu ela libertar-se definitivamente dessa problemática imediatista de relações humanas, para um ótimo de produção e de cooperação entre a administração e o pessoal da empresa. Moore confessa também o sentido prático da nova sociologia aplicada: "O ponto de vista que informa este trabalho é que os aspectos sociais da organização industrial moderna são de natureza sumamente práti-

19 — E. C. Hughes, *Les Recherches Américaines sur les Relations Industrielles*, in *Industrialisation et Technocratie*, sob a direção de G. Gurttich, Paris, 1949, pág. 24.

ca". O próprio Hughes volta a frisar que muitas destas pesquisas e destes esforços não possuem um caráter somente teórico ou pedagógico, preocupam-se com as aplicações práticas no direito, na administração dos sindicatos, na gestão das fábricas e das empresas". Em 1946, informava William Whyte que o objetivo do Comitê de Relações Humanas na Indústria, organizado na Universidade de Chicago por W. Lloyd Warner, Burleigh B. Gardner e Robert J. Havighurst, consistia em pesquisas sobre a organização social da indústria e da sociedade industrial americana. Incluía o estudo da maneira pela qual a fábrica e a comunidade se influenciam reciprocamente. "Investigamos também os problemas de como construir uma cooperação dentro da nossa estrutura industrial... Os resultados de nossos estudos são comunicados aos executivos nas companhias planejadoras através de numerosas discussões e através de periódicos encontros de jantar".

Dahrendorf abre um capítulo especial sobre sociologia industrial e a prática, dando uma palavra de advertência ao sociólogo industrial. Declara êle que a sociologia industrial e da empresa é uma ciência no sentido da tentativa de uma racionalização do mundo da nossa experiência. "Ela não é — em opposição à teologia, à ciência do direito, como também à doutrina de administração da empresa — nenhuma disciplina normativa". Nada tem a ver com a constituição da empresa (matéria do jurista) nem com o seu exame de conjunto (que cabe ao encarregado da economia da empresa), nem muito menos com o seu "funcionamento ótimo", que não é nenhum pressuposto da sociologia industrial.

Também como vimos, Wilbert Moore — e isso em mais de uma passagem — se declara neutro e imparcial diante dos fatores humanos da produção, quer de empregados, quer de empregadores. Pretende não tomar partido nem se deixar levar por prejuízo ou preferência ideológica. Mas isso, como veremos logo no parágrafo seguinte, é que leva exatamente a uma tomada de posição ideológica

20 — W. E. Moore, *Industrial Relations*, cit., pág. VII; E. C. Hughes, *id. ib.*; W. F. Whyte, *Industry and Society*, New York and London, 1946, págs. V/VI.

21 — R. Dahrendorf, *Industrie- und Betriebssoziologie*, cit., págs. 17/19.

da maioria dos sociólogos industriais. Consciente ou inconscientemente, falta-lhes uma visão histórica do processo de produção; na sociedade industrial contemporânea. Comportam-se diante dela como diante de um dado estático, perfeito e acabado, como forma última de relação social de produção. Aceitam e assimilam as suas instituições, os seus valores, as suas atitudes como a manifestação de uma estratificação imutável em seu conjunto, em seus estratos, embora os indivíduos possam circular dentro do sistema social. Não negam a mobilidade, mas a restringem a simples mudança de posições e de situações dentro do esquema maior, verdadeiro *a priori* praticamente intocável. Vêm as mobilidades vertical e horizontal, mas só timidamente a estrutural e muito menos a organizacional de todo o sistema social.

6. *Ideologia do Hawthorne-experiment e, praticamente, da sociologia industrial.* Vimos das palavras do próprio Hughes como a sociologia industrial nasceu das necessidades e dos pedidos de socorro dos administradores e dos chefes de empresas, diante dos problemas coletivos de mão-de-obra com que se viam a braços na década de 30. Até então estavam as possíveis soluções entregues aos engenheiros e aos economistas, em termos de racionalização ótima do trabalho, de uma certa psicotécnica e, principalmente, de modelos e tentativas de incentivos salariais. Sem dúvida que representou um grande passo adiante, e Bendix se incumbiu de mostrar isso, num estudo comparativo entre os métodos de Taylor e os de Mayo.

Por outro lado, não há dúvida também que vários são os ensaios de sociólogos industriais em que se levam em conta elementos extra-fábrica, da sociedade global, das relações do sindicato com a empresa, de natureza política ou qualquer outra, que não se cinjam exclusivamente à relação concreta de trabalho nem aos grupos informais constituídos na própria ocasião do trabalho, em consequência dele ou com êle indiretamente ligado. Há a vista a série da Yankee City de Warner e seus colaboradores. Contudo,

22 — R. Bendix, *Work and the Authority in Industry*, New York and Evanston, 1965 (1.ª ed., 1956), pág. 311/317.

confessa ainda Whyte, em outro livro, que foi o estudo comparativo — e faça-se justiça aqui a Durkheim, que pugnou pelo emprego do método comparativo nas ciências sociais — entre o desenvolvimento econômico americano com o estágio de desenvolvimento de outros países europeus não ocidentais e principalmente asiáticos, africanos e latino-americanos, que levou a sociologia industrial americana a um "subito despertar" para os fatores econômicos, sociais e políticos que informam as relações de trabalho, as envolvem e as levam a mudanças surpreendentes (em geral, nos países em vias de desenvolvimento...). Os trabalhos coletivos de Kerr, Harbison, Myers e Dunlop são a prova disso, além dos de Galenson, Braibanti, Spengler e do próprio Moore.*

Contudo, permanece de pé a crítica maciça endereçada à sociologia industrial, nas suas duas mais fortes manifestações, das Universidades de Harvard e de Michigan, com Kurt Lewin à frente,

23 — W. L. Lloyd, originariamente antropólogo, procurou aplicar objetivamente às comunidades contemporâneas, à moderna estrutura de classe americana os mesmos métodos de pesquisa antropológica, do tipo *funcionalista*, à maneira de Malinowski, Radcliffe-Brown e Durkheim. O mais conhecido dos livros da série é o número 4, *The Social System of a Modern Factory*, com J. O. Low, New Haven, 1947, com um *staff* de pesquisa da Série constituído de 20 cientistas sociais.

A citação de W. F. Whyte, *Men at Work*, Homewood, 1961, págs. 57/67.

Do Projeto Inter-Universitário de Estudo da Mão-de-obra durante o Desenvolvimento Econômico, podem ser indicados: Fr. H. Harbison e Ch. Myers, *Management in the Industrial World. An International Analysis*, New York, 1959; Cl. Kerr, J. T. Dunlop, Fr. H. Harbison e Ch. A. Myers, *Industrialism and Industrial Man. The Problems of Labor and Management in Economic Growth*, Cambridge, 1960. Ainda de Fr. Harbison e A. Myers, *Education, Manpower and Economic Development; Strategies of Human Resource Development*, New York, 1964.

W. Galenson, ed., *Labor and Economic Development*, New York, and London, 1949, da série do programa de pesquisas do Institute of Industrial Relations, da Un. da Califórnia; R. Braibanti e J. J. Spengler, ed., *Tradition, Values, and Socio-Economic Development*, Durham, 1961; W. E. Moore, *Industrialization and Labor*, Ithaca, 1961; W. E. Moore e A. S. Feldman, *Labor Commitment and Social Change in Developing Areas*, New York, 1960, culminando com *Industrialization and Society*, ed. com Bert F. Hoselitz, Unesco — Moulton, 1966 (a 1.ª ed. é de 1963). Não podem ser esquecidas também as contribuições de S. M. Lipset para a sociologia industrial em geral, em colaboração com Bendix, com J. S. Coleman e M. Trow.

nesta. É imensa a bibliografia a respeito. Seleccionaremos alguns pontos salientes do muito que se escreveu e se disse sobre os fundamentos e as conclusões da doutrina das relações humanas na indústria.

24 Para Henry Landsberger a crítica à escola de Mayo pode ser resumida em alguns tópicos dominantes, mediante um estudo de interrelações de seus autores. 1) A primeira e mais importante crítica consiste em haver Mayo e seus colaboradores considerado a sociedade moderna como em condição de "anomia" (moralmente confusa, com os indivíduos isolados, cercados por uma sociedade desorganizada e cheia de conflito). Vêm na sociedade moderna um mero resíduo, depois da dissolução da solidariedade grupal das velhas sociedades estabelecidas, e nos trabalhadores seres sociais que continuam a abrigar uma antiga necessidade de se submergirem nos objetivos de um grupo mais largo, a fim de obterem liberdade. Como solução, oferecem Mayo e seus colaboradores a reforma ou reformulação da sociedade e dos indivíduos através das organizações industriais, dirigida no sentido de que haja uma espontânea colaboração para um propósito comum. 2) Esta falsa visão da sociedade resulta numa imagem do trabalhador, como aceitando os objetivos da direção empresarial e seus pontos de vista sobre os trabalhadores, somada com a boa vontade ou consentimento para manipular os trabalhadores para seus fins (da direção). 3) Falha também esta falsa visão em não prestar bastante atenção aos métodos de acomodação do conflito social proporcionados pela moderna técnica social, inclusive pelo direito. 4) Finalmente, não levam Mayo e seus adeptos em consideração bastante o papel dos sindicatos na sociedade contemporânea.

Sheppard, num artigo que se tornou célebre, apelidou desde logo a sociologia da escola como *managerial sociology*, isto é, colocada a serviço da direção empresarial e dos seus propósitos. A certo momento escreveu: "Em todo o grupo de Mayo dá-se ênfase à colaboração e à solidariedade. Não há consideração para com os proble-

mas políticos e econômicos que podem ser tidos como relevantes para a realização de uma colaboração espontânea; nem nenhuma consideração para com os objetivos pelos quais os homens devem cooperar; como também nenhuma atenção é dada aos relativos papéis das várias classes sociais que participariam sob tais condições de colaboração. Também visivelmente há uma grande lacuna quanto ao interesse por conceito tais como *conflito*, *classes* e *grupos de interesse*." 25

Coser destaca também esta ausência de tomada de consciência e de consideração pelo eminente papel desempenhado na sociedade pelo processo de conflito, mesmo como instrumento para uma acomodação posterior, ou cooperação, ou desaparecimento de um ou dos elementos em conflito. Englobando a crítica endereçada a Mayo, Warner e Lewin, conclui Coser que, para eles, o conflito deve ser evitado através do *social management*. A tendência destes pensadores é no sentido de encontrar "caminhos para o acôrdo" e mútuo ajustamento através da redução do conflito. O conflito é definido como *doença social* e o estado de colaboração como *saúde social*. Segundo Coser, êste trecho de Roethlisberger é bem significativo: "Como pode um confortável equilíbrio de trabalho ser mantido entre os vários grupos numa empresa industrial, de tal modo que nenhum deles na organização possa separar-se em oposição ao restante?" Assim, escreve Coser mais adiante, muitos sociólogos transformam a sua própria imagem, de um advogado consciente da reforma social, em um exterminador de dificuldades e perito em relações humanas. 26

Este mesmo diapasão é mantido por vários críticos, como Blumer, Mills, que chegam a escrever que, em verdade, as imagens latentes dos trabalhos da Escola de Harvard sugerem "a tecnificação do gerente (*manager*) e de uma sentimentalização do empregado". A atenção dada aos grupos informais entre os trabalhadores — prosse-

25 — H. L. Sheppard, *The Social and Historical Philosophy of Elton Mayo, in Arrioch Review*, vol. 10, 1950, pág. 399. Também de Sheppard, *The Treatment of Unionism in "Managerial Sociology"*, in *American Sociological Review*, vol. 14, 1949, págs. 310/313.

Também em R. Bendix, *Work and Authority*, cit., pág. 308 e ss. (The contribution of Elton Mayo to Managerial Ideology).
26 — L. A. Coser, *The Functions of Social Conflict*, London, 1956, págs. 24 e 29.

gue — é uma simples técnica de manipulação. Segundo esta doutrina, para fazer o trabalhador feliz, eficiente e cooperativo, basta somente fazer os gerentes (*managers*) inteligentes, compreensivos, conciliadores? Parafrazando Whitehead, conclui: "Para assegurar a colaboração espontânea, eficiente, dos trabalhadores, o *manager* deve prestar atenção às suas relações informais, e procurar ganhar aceitação de algum modo entre êsses grupos informais." 27

A maior crítica, no entanto, dirigida à escola de Mayo e aos setores com êle aparentados refere-se à sua falta de visão das relações concretas e reais da empresa com os fatores econômico-sociais da grande sociedade, do sistema econômico nesta reinante, da sua forma de sistema político, da sua organização e estruturação e assim por diante. O papel dos sindicatos é minimizado, como notou H. Laski. Ênfase excessiva é dada à empresa como organização social mais ou menos fechada, como sistema social quase auto-suficiente. O próprio Gurwitsch, que tanta importância deu nas suas obras aos estudos de micro-sociologia, lamentou a ausência da consideração de conflitos reais, (mais presentes nos próprios ensaios jurídicos do trabalho) nesta sociologia industrial e do esquecimento "da estrutura das sociedades globais na qual os grupos se integram". Não se pode separar inteiramente — volta Laski ao debate — o orgulho profissional da posição do cidadão na vida social e política... Tôdas as questões científicas concernentes às empresas (americanas) são também questões políticas. 28

Bell, em ensaio na segunda metade da década dos quarenta, escrevia também que, na maioria dos estudos de sociologia industrial, não está presente uma visão da estrutura institucional do sistema econômico, dentro do qual essas relações surgem e encontram sua significação. É insuficiente e mesmo prejudicial o aparato teórico

27 — H. Blumer, *Sociological Theory in Industrial Relations*, in *American Sociological Review*, vol. 12, 1947, págs. 271/278; C. Wright Mills, *The Contributions of Sociology to Studies of Industrial Relations*, *Proceedings of the First Annual Meeting, Industrial Relations Research Association*, vol. I, 1948, pág. 215.

28 — G. Gurwitsch e H. Laski in *Industrialisation et Technocratie*, cit., No mesmo sentido, Marx Horkheimer e Th. W. Adorno, org., *Lezioni di Sociologia*, trad. de A. Mazzone, Torino, 1966, pág. 73/74.

apanhado em Pareto, em termos de se conceber a ação como equilíbrio. Esta imagem meramente mecânica nada leva de esclarecedor nem de válido à análise de estruturas dinâmicas.

O papel dos sindicatos é subestimado, distorcido ou mesmo ignorado. Quando não são ignorados, escreve Mills, são considerados mais como sintomas de perturbação, do que como possíveis instrumentos para solucionar problemas importantes. Há somente fraca menção ou referência não explícita à função de classe do sindicato; não à sua função de poder, mas somente a de uso do seu *status*. Sheppard assinala que "a cooperação dos negócios entre trabalho e direção exclui negociações contratuais formais entre os grupos interessados. Em outras palavras, a colaboração espontânea não inclui a negociação coletiva, pois esta não significa cooperação entre sindicato e empresa. O tipo de organização válido para a colaboração espontânea é vertical, não horizontal, implicando o sindicato de empresa". 29

Segundo Hart, as pesquisas sobre as relações sociais nenhuma contribuição trouxeram à teoria social, apesar da ênfase com que os seus adeptos se dizem devedores das teorias de Durkheim e Pareto, e do que atribuem de sua metodologia aos auxílios que lhes foram proporcionados pela antropologia social de Radcliffe-Brown e Malinowski, além da explícita assistência e colaboração de Lloyd Warner. Em verdade, apesar das recorrências à teoria do ritual de Radcliffe-Brown, do conceito de equilíbrio de Pareto, das representações coletivas de Durkheim, nada se adiantou ao estágio em que êsses cientistas sociais deixaram as suas doutrinas. Nada foi desenvolvido, aprofundado, levado adiante, fortalecido, ou tornados mais explícitos alguns tópicos teóricos. No fundo, a influência freudiana foi mais forte e dominadora, tudo desaparecendo, na pesquisa empírica, em favor das representações individuais, com maior contribuição da psicanálise e da psiquiatria, do que propriamente da sociologia. 30

29 — D. Bell, *Adjusting Men to Machines*, in *Commentary*, vol. 3, 1947, págs. 87; C. W. Mills, *id. ib.*; H. L. Sheppard, *The Social and Historical*, cit., págs. 398.

30 — C. W. M. Hart, *Industrial Relations Research and Social Theory*, in *The Canadian Journal of Economics and Political Science*, págs. 55/56.

7. *Sociologia de fábrica e sociologia industrial*. Em mais de uma oportunidade ocupou-se Clark Kerr criticamente da sociologia industrial. Economista liberal, protesta contra a servidão ou subserviência do homem a qualquer organismo coletivo — fábrica, partido, sindicato, Estado. Qualquer deles levaria a um comportamento de ausência de liberdade, do tipo totalitário. Não é possível aceitar o ponto de vista de que a racionalidade e a iniciativa — concluíam — sejam o apanágio só da elite, ficando para o homem comum unicamente as virtudes da fidelidade e da obediência... 31

Em outro ensaio, mais substancioso, de colaboração com Lloyd Fisher, enumeram os autores algumas possíveis definições de sociologia industrial, onde aparecem as já por nós citadas de Moore, Delbert e Miller. Acrescentam a de Van Kleek — o estudo da comunidade industrial; outra de Moore — a interação de duas burocracias (empresas e sindicatos); ainda outra de Blumer — interação de massa de grupos de trabalho; para concluir que nenhuma é válida. Ora, confundem o campo da sociologia industrial com o da própria sociologia, deixando, talvez, o que resta para os sociólogos não-industriais e para os antropólogos, isto é, os territórios subdesenvolvidos. Por isso mesmo, a expressão de sociologia industrial confunde mais do que esclarece, devendo ser abandonada. Kerr e Fisher agruam o objeto da sociologia industrial em diferentes sistemas de classificação, sendo que a "sociologia de relações do trabalho" constitui toda ou grande parte de um destes quatro campos: sociologia das ocupações, sociologia da organização, sociologia da comunidade e sociologia política. A primeira toma o emprego como o ambiente relevante, com todas as conseqüências que daí possam advir (efeito sobre o *status* e as atitudes políticas e sociais; a rotinação do trabalho; os ambientes sociais e as exigências sociais para o emprego; a mobilidade inter-profissional; os padrões da carreira ocupacional; o ajustamento do trabalhador à função, e assim por diante). Incluem-se al também as relações do homem com a técnica, o estudo da estratificação social e de disposição de classes. A sociologia organizacional é o núcleo central da sociologia de fábrica, tomando como

31 — C. Kerr, *What became of the Independent Spirit?*, in *Fortune*, vol. 48, 1953, págs. 134.

objeto o estabelecimento industrial como uma organização fechada, um sistema social, visto microscopicamente. A mesma técnica de análise é aplicável a um sindicato, a uma sociedade anônima, a uma agência governamental, ou a qualquer outro grupo pequeno. É neste setor que vão se destacar as contribuições de Whyte e de Homans, inequivocamente superior, a deste último, a ensaios de outros sociólogos da mesma orientação. Na sociologia da comunidade, leva-se em conta principalmente a localidade rural ou urbana como o sistema social que deve ser estudado. Finalmente, na sociologia política a sociedade total deve ser compreendida como uma rede de referência, interessando-se ela pelos conflitos de poder de massa, pelas ideologias competitivas, pelas divisões de classe, pelas organizações de empregados e de empregadores, pelos grupos políticos e estatais, que digam respeito a estes problemas. ³²

Apesar de toda essa censura, concordamos com Kerr e Fisher quando distinguem a *plant sociology* da *industrial sociology*. A primeira criou uma "escola", que influenciou o pensamento universitário e a prática profissional. Os novos professores e executivos distinguem-se dos antigos pelo toque mágico das "relações humanas". O implícito "consentimento" de Chester Barnard substituiu o sistema de "incentivos" de Taylor, nada mais. Incluem-se nela, como vimos ao longo do nosso ensaio, os adeptos daquela ideologia de cooperação e colaboração, com maiores ou menores nuances de Mayo, Roethlisberger, Whitehead; além de alguns professores de Chicago, Burleigh Gardner, Lloyd Warner e William Foote Whyte. O livro, de certo modo exaustivo e notável, de George C. Homans representa um certo temperamento da escola. ³³

Isto precisa e deve ficar bem esclarecido e fixado: a distinção entre a *managerial sociology* ou *plant sociology* e a *industrial socio-*

32. ~~31~~ — C. Kerr e L. H. Fisher, *Plant Sociology: The Elite and the Aborigines*, in M. Konarovsky, ed., *Common Frontiers of the Social Sciences*, Science, 1957, págs. 284/286.

33. ~~32~~ — Ch. I. Barnard, *The Functions of the Executive*, 10.^a ed., 1953 (a 1.^a 1939; Bernard foi Presidente da New Jersey Bell Telephone Company). De G. C. Homans, *El Grupo Humano*, trad. de M. R. de Fayard, Buenos Aires, 1963 (a 1.^a ed. americana é de 1950).

logy), embora esta se tenha visto bastante comprometida pelos êxitos alcançados na doutrina da organização da empresa pelas primeiras, além da sua imensa difusão através de verdadeira clínica de relações humanas na indústria, encontradilha em quase todas as universidades americanas, destacando-se talvez a de Cornell, com a sua *New York State School of Industrial and Labor Relations*. Fundada a biblioteca em 1945, possui ela agora cerca de 78.000 volumes e periódicos, com 80.000 panfletos desde o século XVIII até nossos dias. Cobre uma imensa área de assuntos, abrangendo relações entre a empresa e os trabalhadores, relações humanas na indústria, organização e administração dos sindicatos operários, história do trabalho, e problemas e condições internacionais do trabalho. Compõe-se o catálogo de mais de 210.000 fichas, abrangendo áreas de interesses da economia, sociologia, psicologia e administração pública, e suplementares da saúde e segurança industrial, direitos constitucionais, custo e nível de vida, e outros. ³⁴

Arensberg e Tootell distinguem nitidamente aquelas sociologias da sociologia industrial, não se podendo considerar os *internacionistas* (Whyte, Chapple, Homans, Arensberg) como puros descendentes da escola de Mayo, por eles apelidada de *Mayoite*. Outras conclusões também foram tiradas das idéias de Kurt Lewin, cuja posição entre os psicólogos sociais muito se aproxima da de Mayo na sociologia. Os estudos e experiências sobre a dinâmica dos grupos devem bastante aos seus primeiros ensaios e enfoques. Muito progrediram também os estudos sobre valores de classe e motivações para o trabalho, mormente no que diz respeito à restrição do trabalho, absentelismo e flutuação profissional. Nem tudo se reduz a uma simples sociologia "manipulativa". Há, em certos setores,

34. ~~33~~ — Por toda a parte se expandiram essas concepções de relações humanas na Indústria, bastando destacar, na Espanha, a coleção *La Empresa y el Hombre*, dirigida por Miguel Siguan, das Ediciones Rialp, de Madrid. Na Itália, realizou-se de 19 a 25 de setembro de 1955, em Stressa, um Congresso Internacional sobre "L'organizzazione Umana nell'Economia Industriale", com as atas publicadas sob o título de *Human Relations in Italia*, Milano, 1956, 2 vols. Cf. bibliografia italiana, com ensaios de Conti, Bozzola, Sferza, Marchelli, in Franco Ferrarotti, *La Sociologia*, 2.^a ed., 1962, pág. 288.

um contínuo esforço para construir um conhecimento científico do homem e de sua ação social. ³⁴

35

Ainda nas duas edições do *Tratado* de Gurvitch (1958 e 1962) mantém-se a denominação da última seção do volume I de *sociologia industrial*, de autoria de Georges Friedmann, J. D. Reynaud e J. R. Tréanton. "A sociologia industrial, escrevem eles, nasceu de um problema prático e de uma vontade de aplicação; mas a própria natureza do que ela estudava a obrigou muito rapidamente a alargar seus quadros... Reencontra ela a cada instante, a cada etapa de suas pesquisas, o problema de seu papel social. Neste sentido, cessou muito rapidamente de se orientar no sentido da aplicação prática... Enfim, o desenvolvimento das técnicas de produção impôs a idéia que elas criavam um meio novo, não somente na empresa, mas na vida cotidiana fora da empresa e que o objeto da sociologia industrial não era somente a empresa e sua vida interna, mas o conjunto da sociedade industrial em si mesma".

Concordamos com tudo isso, com esse alargamento dos quadros, dos objetivos, dos métodos de pesquisa e, sobretudo, das conclusões teóricas da sociologia industrial, aproximando-a da teoria da sociologia geral com toda a sua problemática e esquema conceitual. Mas, nem por isso, podem ser negadas as suas conotações com as suas origens e com a utilização ostensiva das suas técnicas organizacionais e de estudos de grupos. A denominação de sociologia industrial, para toda a problemática do homem como ser capaz de produzir bens e prestar serviços, em todos os níveis da sociedade e

35

³⁵ — C. Arensberg e G. Tootell, *Plant Sociology: Real Discoveries and New Problems*, in M. Komarovsky, *cf.*, pág. 310 e ss.

Nos assuntos referidos no texto, podem ser aqui sumariamente alinhados os ensaios positivos de: D. Cartwright e A. Zander, ed., *Group Dynamics*, 2.^a ed., New York, Evanston and London, 1960; Stanley E. Seashore, *Group Cohesiveness in the Industrial Work Group*, Ann Harbor, 1954; M. S. Viteles, *Motivation and Morale in Industry*, New York, 1953; A. Kornhauser, R. Dubin e A. M. Ross, ed. *Industrial Conflict*, New York, 1954; William H. Whyte Jr., *The Organization Man*, New York, 1956, com tradução francesa, *L'Homme de l'Organisation*, Paris, 1959.

Para um bom balanço, recente obra coletiva de E. Dale, *Readings in Management. Landmarks and New Frontiers*, New York, 1965, de 516 págs.

sob todos os regimes jurídicos, políticos e sociais, é acanhada, confusa e imprecisa, além de equivocada. ³⁶

36

8. *Conclusão.* Sem que seja mera questão bisantina, pois a terminologia implica aqui uma tomada de atitude, não só científica, como também confessadamente ideológica, achamos que a melhor denominação para a nova disciplina é *sociologia do trabalho*. O trabalho humano não se esgota na indústria, em sentido estrito; estende-se pelo comércio, pelos transportes, pela rede financeira, pelas oficinas domésticas, pela fábrica dispersa (trabalho em domicílio), pela prestação de serviços (setor terciário), que abrange um sem-número de atividades públicas e particulares, além das profissões liberais propriamente ditas. O trabalhador rural, o militar, o empregado de escritório, o artesão, os pesquisadores, todo um mundo fica fora da sociedade industrial em sentido estrito; não foram criados por ela, existiam antes dela e poderão continuar a existir fora dela, embora profundamente influenciados e marcados pela actual forma de sociedade industrial existente nos países desenvolvidos cu em vias de desenvolvimento. ³⁷

37

O que importa colocar, como objeto nesta especial sociologia da vida econômica, é o trabalho e não a sociedade industrial propriamente dita. O *industrial* a restringe, não servindo de diferença

36

³⁶ — Os estudos de sociologia industrial na Inglaterra sempre mantiveram bem estreitas as relações entre as suas pesquisas e os princípios mediatos da sociedade global. Merecem citação: E. Jaques, *The Changing Culture of a Factory*, 5.^a ed., Frome and London, 1965 (a 1.^a é de 1951); W. H. Scott, *Industrial Leadership and Joint Consultation. Study of Human Relations in Three Merseyside Firms*, Liverpool, 1952; W. H. Scott, J. A. Banks, A. H. Halsey e T. Lupton, *Technical Change and Industrial Relations. A Study of the Relations between Technical Change and the Social Structure of a Large Steelworks*, Liverpool, 1956; para não incluir os trabalhos, mais gerais, de Glass, Bottomore e Marshall, sobre mobilidade e estratificação social.

³⁷ — Hája vista os modernos ensaios sobre burocracia e burocratização fora da indústria propriamente dita, com uma bibliografia que dispensa referência, tão pacífico é o assunto. Vale destacar os ensaios e pesquisas de Michel Crozier sobre pequenos funcionários, (1956), a administração pública (1956), os empregados de escritório (1965); a obra clássica de Saunders e Wilson sobre os profissionais liberais (1933); etc. Veja-se, de Bernard Motiez, *Les Professions non Industrielles*, in A. Touraine, dir., *La Civilisation Industrielle (de 1914 à nos Jours)*, Paris, 1964, pág. 47 e ss.

específica em relação a outros predicaos possíveis. Seja onde for que o trabalho se preste, subordinado, autônomo ou liberal; em pequenos ou grandes grupos, éle é sempre suscetível de hierarquização, burocratização, organização, diferenciação entre dirigentes e dirigidos; dentro ou fora da sociedade industrial. As relações, os processos, a estrutura e a organização coletivas que daí advêm são o objecto da sociologia do trabalho, com tôdas as implicações e consequências das tensões, dos conflitos, da mobilidade estrutural da própria estratificação da sociedade global. Friedmann considera a sociologia do trabalho, no seu sentido mais amplo, "como o estudo, em seus diversos aspectos, de tôdas as coletividades humanas que se constituem na ocasião do trabalho".³⁸ Aparentemente, divorciado da sociedade global, nesta definição simples, tal não acontece nunca dentro da orientação que lhe é dada por Friedmann e seus colaboradores na França (Naville, Touraine, Crozier, Tranton, Delamotte, etc.).

Se a sociologia da empresa restringe a denominação da disciplina, a mesma coisa acontece com a sociologia industrial, além de se dedicarem ambas, na maioria de seus estudos e pesquisas fundamentais, à análise da dinâmica dos grupos e vida organizacional, com implicações ideológicas, aquela de reforma da empresa, esta de fazer desaparecer o conflito ostensivo ou latente em favor de um dos lados no processo produtivo, sem maiores implicações com a mudança da própria sociedade global, nem da posição das classes na sociedade. Com razão puderam escrever Alain Touraine e Bernard Mottez num capítulo com o título de *classe operária e sociedade global*: "O trabalho mecanizado, o nível e a forma dos salários, os métodos de organização e de gestão das empresas, definem uma situação de trabalho e permitem analisar as atitudes e a ação operárias. Mas estas não se explicam somente pelas condições de trabalho, de emprêgo, de remuneração ou de comando, elas dependem também dos caracteres da sociedade considerada em seu conjunto e do lugar que ocupa a classe operária, de suas relações

38 — G. Friedmann, *L'Objet de la Sociologie du Travail*, in G. Friedmann e P. Naville, ed., *Traité de Sociologie du Travail*, vol. I, Paris, 1961, pág. 26.

com outras categorias sociais, de seu grau de participação no poder político".³⁹

Há todo um mundo de opções, de valores e de atitudes a ser considerado. Não bastam as técnicas de manipulação, como que partindo de um *a priori* estático e irremovível, de acomodação e de colaboração num processo social, que parece único e definitivo. Todos os dados devem ser objetiva e criteriosamente considerados, informados inclusive por variáveis políticas que possam levar a uma outra forma de sociedade global, como processo histórico. Dentro do conceito mesmo de sociedade industrial há um mundo de opções de modelos e de sistemas sociais, económicos e políticos que devem estar presentes. Por isso mesmo, sociologia do trabalho é a denominação mais consentânea, pertinente e própria para a disciplina que foi tripidamente aqui considerada.⁴⁰

39 — A. Touraine e B. Mottez, in *Traité*, de Friedmann-Naville, cit., vol. II, Paris, 1962, pág. 235.

40 — Cf. V. A. Allen, *The Need for a Sociology of Labour*, in *The British Journal of Sociology*, London, set, de 1959, pág. 184 e ss. No número especial dedicado à sociologia industrial na Polónia, informa-se em *Sociologie du Travail*, janeiro/março de 1966, págs. 106/108: "Pelo termo 'sociólogos industriais' definimos na Polónia os diplomados em estudos sociológicos superiores que assumem, nos estabelecimentos industriais em que são empregados sob o regime do tempo integral, as funções de sociólogos de empresa, de fábrica. O primeiro sociólogo de empresa apareceu em 1958 numa fábrica de tratores do subúrbio de Varsóvia".

Achamos que esta denominação é absolutamente perfeita e consentânea, não causando confusão nem servindo de dado perturbador na terminologia da nova disciplina, como ciência social teórica e aplicada ao mesmo tempo, mas sempre ampla, nunca divorciada da teoria sociológica geral.